

## EDUCAÇÃO, GÊNERO E RELIGIÃO NO TRABALHO MULHERES TECELÃS <sup>1</sup>

### EDUCATION, GENDER AND RELIGION IN THE DAILY WORK OF WEAVERS WOMEN

**Amanda Motta Castro**<sup>2</sup>

motta.amanda@terra.com.br

**Edla Eggert**

edla.unisinos@com.br<sup>3</sup>

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre a pesquisa de mestrado em andamento. Nosso olhar é sobre Educação, Gênero, Religião e Trabalho de mulheres. Nosso objetivo principal é compreender como as feminilidades aprendidas na sociedade e reafirmadas na igreja pentecostal interferem no trabalho cotidiano de tecelagem produzida por mulheres pentecostal da igreja Assembleia de Deus. Nossa pesquisa empírica ocorre num ateliê de tecelagem no município de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. Nossa pesquisa tem como base o conhecimento feminista; portanto, uma epistemologia feminista, visando trabalhar, sobretudo, com base nos estudos que vêm sendo produzidos e problematizados por feministas no Brasil e na América Latina. A metodologia dessa pesquisa ocorre por meio de observação participante, entrevistas individuais e narrativas de histórias de vida coletadas por intermédio dos grupos de discussão com base em Wivian Weller e Ralf Bohnsack (2006). Existem peculiaridades na experiência dessas mulheres? Ou a experiência é igual para ambos os sexos? Aqui, a partir do pensamento feminista e da empiria com mulheres pentecostais, buscamos realizar alguns apontamentos. Entendemos que, ao interrogar o mundo do “sagrado”, estamos criando um debate sobre a importância de que, no campo da Educação se observe a religião e como esta se faz presente nos processos de formação em espaços formais e não formais de ensino na vida cotidiana das pessoas.

**Palavras-chave:** Educação; Religião; Gênero; Trabalho de mulheres.

**Abstract:** This paper aims to present reflections on the Masters research in progress. Our view is turned to Education, Gender, Religion and Female Work. Our main objective is to understand how the femininities learned in the society and reaffirmed by the Pentecostal Assembly of God interfere in the daily work of a weaving workshop produced by women. Our empirical research comes at a weaving workshop in Alvorada, metropolitan region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Our research is based on feminist knowledge, so a feminist epistemology, aiming to work considering studies that have been produced and

---

<sup>1</sup> Parte desse artigo foi apresentada na 33ª reunião da ANPED.

<sup>2</sup> Mestre em Educação - UNISINOS. Doutoranda em Educação pela mesma instituição - bolsista CAPES.

<sup>3</sup> Doutora em teologia. Professora do PPGEDU- UNISINOS.

problematized by feminists in Brazil and Latin America. The methodology of this research involves participant observation, interviews and narratives of life histories collected through discussion groups based on Wivian Weller and Ralf Bohnsack, 2006. Are there peculiarities in the experience of these women? Or the experience is the same for both sexes? Here, from the feminist thought and the empiric with Pentecostal we made some notes. We believe that when we examine the world of "sacred" we are creating a space for the dialogue about the importance of observing religion in the field of education as far as religion is present in formation processes in formal and non-formal teaching spaces in daily life of people.

**Key words:** Education; Religion; Gender; women's work.

## 1 Introdução

O tema central da nossa pesquisa de Mestrado, ainda em andamento, é Gênero e Reafirmação do feminino. Neste texto, apenas parte dela será apresentada. Queremos compreender quais os desdobramentos das feminilidades aprendidas na sociedade e reafirmadas na igreja pentecostal Assembleia de Deus no trabalho artesanal produzido por mulheres.

Qual a relação entre uma arte milenar, desenvolvida até os dias de hoje, a igreja Pentecostal Assembleia de Deus, a educação sobre a mulher e trabalho de mulheres? Nossa proposta de pesquisa ira debruçar sobre estes lugares.

A igreja Assembleia de Deus, a maior igreja evangélica do Brasil, ensina sobre como *ser mulher*, com base em sua doutrina, e ajuda na manutenção da sociedade patriarcal. Para Gebara, "Sociedade patriarcal significa que a maneira pela qual somos educados é marcada por concepções que valorizam um referencial histórico masculino mais do que o feminino" (2007, p 19). Entendemos, também, que esses ensinamentos estão além dos muros da igreja, e que fieis levam os ensinamentos por onde andam, transmitindo, portanto, esses ensinamentos também nos espaços não formais de ensino.

Até hoje, a Igreja permanece com a lógica social da ideologia e reforça a noção de "ordem eterna da natureza" (HUBBARD, 1999) ao colocar como vontade divina a "vocação" para as mulheres: o cuidado com a família, portanto destinadas à vida privada.

A tecelagem, que é uma das formas mais antigas de artesanato presente nos dias atuais, tem sido buscada por mulheres da periferia como opção de trabalho, tanto para seu sustento como para o sustento de suas famílias. Entretanto, esse é um trabalho um tanto incerto, afetado pela crise econômica e socialmente diminuído como "trabalho de mulher". As mulheres de nossa pesquisa passam o cotidiano de suas vidas nas dificuldades e incertezas quanto a um futuro próximo. Para enfrentar as dificuldades e incertezas em relação ao dia de

amanhã e seguir o trabalho com esperança, as mulheres buscam alternativas. Por vezes, acompanhamos a esperança perder o rumo e tornar-se desesperança, como relata Paulo Freire, em *Pedagogia da Esperança*. Para Freire (2003), a esperança é uma necessidade do ser humano, uma necessidade ontológica, excepcional e histórica. Nas palavras desse autor: “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança espero (2003, p 97). Entretanto, o que mulheres fazem quando há falta de trabalho, que resulta na falta de dinheiro, essencial para seguirem suas vidas? Quais mecanismos são usados por elas?”

## 2 Situando a pesquisa empírica

A pesquisa empírica ocorre em um ateliê de tecelagem onde trabalham mulheres que moram na cidade de Alvorada<sup>4</sup>, região metropolitana de Porto Alegre. Devido às poucas opções de trabalho, e para evitarem o longo trajeto de deslocamento até Porto Alegre - onde muitas mulheres de Alvorada trabalham - sobretudo nas atividades do comércio, serviços gerais e empregadas domésticas - algumas trabalhadoras buscaram na tecelagem uma forma de sustento, tanto para elas como para suas famílias. Várias destas mulheres são chefes de família.

Nenhuma das tecelãs aprendeu o ofício da tecelagem na família e, sim, com a tecelã coordenadora do ateliê, que ensinou a arte da tecelagem para as demais. Após aprender e dominar as técnicas da tecelagem, elas passaram a trabalhar de segunda a sexta, em turno integral, produzindo peças de vestuário feminino e produtos para casa.

---

4 Alvorada emancipou-se no dia 17 de setembro de 1965, conforme a lei estadual nº 5026. O nome de Alvorada, acredita-se seja uma referência ao seu povo, constituído em sua maioria por trabalhadores que acordavam nas primeiras horas da manhã para trabalhar na capital do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Com 72,9 km<sup>2</sup>, e área urbana legal de 52 km<sup>2</sup>, o município é um dos menores do Estado. A economia é baseada principalmente no comércio e no setor de serviços, além de a maioria da população trabalhar no município de Porto Alegre, fazendo com que a cidade seja conhecida também como cidade-dormitório. Sua população, segundo dados do IBGE de 2008, conta com 211.233 habitantes. Informações obtidas no site [www.alvorada.rs.gov.br](http://www.alvorada.rs.gov.br) no dia 08/10/2009 (PREFEITURA ALVORADA, 2009).

No ateliê, que está organizado como forma de cooperativa<sup>5</sup>, mulheres “ganham a vida” fazendo a arte de tramar os fios. Entre dores nas costas e conversas, peças ganham forma e cores, num processo de criação e produção, encantador.

Por volta de 5000 a.c., a tecelagem era feita entrelaçando pequenos galhos e ramos para construir barreiras, escudos ou cestas. Teia de aranha e ninho de pássaros podem ter sido as fontes para a criação da tecelagem.

A tecelagem possui um saber, que observamos ser predominantemente feminino. Por essa razão, nos parece que “perde” muito de sua “técnica”, “importância” e “saberes”. Compreendemos que o esvaziamento da potência desse saber se dá por vários motivos, entre eles, segundo Lagarde (2005), acontece pelo fato de a sociedade, em geral, acolher a ideia de que as mulheres têm como missão última e valor maior a maternidade, ou seja, tomarem o cuidado para com os outros como tarefa básica. E, segundo Eggert (2004), isso ocorre pelo fato de a sociedade reafirmar a mulher como “responsável” pela esfera privada, tendo com base principal o trabalho doméstico, o amor materno e a obediência.

Segundo Perrot (2005; 2006), as mulheres, ao longo da história da humanidade, sempre trabalharam, porém seu trabalho foi invisibilizado, ora por ser doméstico, ora pelo fato de a mulher realizar trabalho artesanal, ou de ajudante do marido na informalidade, ou no negócio do marido, principalmente nos comércios. Perrot afirma que “Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível” (2006, p. 109).

Na escuta junto às tecelãs, em vários momentos, identificamos depoimentos: “isso é um trabalho, coisinha de mulheres para ajudar na renda familiar”. Constatamos, porém, que a maioria dessas mulheres sustenta suas casas com as chamadas “coisinhas de mulheres”. Segundo o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, dados de 2007, 60% das associadas são mulheres e, entre as atividades principais, estão a produção de peças de vestuário, alimentação e artesanato.

Com a crise econômica, ocorrida no início de 2009, o ateliê passou a ter oito tecelãs. Durante nossas observações, percebemos que o momento de crise financeira decorrente da

---

5 O cooperativismo representa a união entre pessoas voltadas para um mesmo objetivo. Uma organização dessa natureza caracteriza-se por ser gerida de forma democrática e participativa, de acordo com aquilo que pretendem seus associados. As sociedades cooperativas estão reguladas pela Lei n. 5.764, de 1971, que definiu a Política Nacional de Cooperativismo. Informações obtidas no site da receita federal <[www.receita.fazenda.gov.br/.../pr634a646.htm](http://www.receita.fazenda.gov.br/.../pr634a646.htm)>. Acessado em 10/08/2009 (BRASIL, 1971).

situação mundial também afetou o atelier. Os pedidos foram reduzidos pela metade. Por falta de pedidos, algumas mulheres saíram em busca de outros trabalhos.

Permaneceram, então, oito mulheres. Durante o ano de 2009, acompanhamos momentos de despedidas, tristezas, desânimo, desesperanças e a busca das tecelãs para que, de alguma forma, a crise fosse vencida. Acompanhamos, ali, a felicidade ser adiada, a felicidade de ter trabalho, de poder produzir, de poder “ganhar a vida”, de poder manter o sustento e de poder sobreviver. As palavras tristes e poéticas de Gebara (2000) passaram a fazer parte do cotidiano das mulheres tecelãs: “cada dia que passa se adia a justiça para amanhã, a plenitude do amor para depois, a felicidade para a eternidade” (GEBARA, 2000, p. 95).

Nesse momento de angústia, passamos a observar algo interessante: as mulheres, dirigidas por uma tecelã que trabalha há dez anos no ateliê, fiel da igreja pentecostal AD<sup>6</sup>, passaram a incorporar uma rotina antes não realizada durante o trabalho de tecelagem. Ela passou a “transmitir” ensinamentos da igreja no ateliê por meio de orações, de palavras da bíblia lidas no início da manhã e de conversas informais sobre Deus e Fé com suas colegas.

A fala dessa tecelã (a quem chamamos TECELÃ 1) aponta para a importância da Igreja em ensinar:

[...] se tu abres a palavra de Deus está tudo ali, tudo que agente tem que fazer, tudo que é certo fazer, agente só tem que praticar e também agente tem que pregar a palavra de Deus para as outras pessoas para que todos possam aprender sobre a palavra, não é só o pastor que diz que agente tem que seguir e mostrar o caminho para as outras mesmo as a palavra de Deus diz isso também. (TECELÃ 1)<sup>7</sup>

Dessa forma, elas instituíram um ritual de, a cada manhã, ler um versículo bíblico e orar pelo bom andamento dos seus trabalhos e por suas famílias. Isso tem trazido bem-estar ao grupo, conforme o relato de todas. Segundo relato da tecelã 3: “esse é um dos melhores momentos do ateliê; temos agora muita comunhão, paz e harmonia, somos uma família, agente confia e descansa que agente vai ter serviço, as orações tem ajudado bastante, agora agente acredita mesmo Nele”(TECELÃ 3. 18.01.10) .

Ainda sobre o ritual, outra tecelã afirma: “É, eu acho que esta sendo bom né? Eu acredito Nele, a *Tecelã 1* tem falado muito que Ele pode nos ajudar a mudar toda a situação

---

<sup>6</sup> Usaremos abreviatura para Igreja Assembleia de Deus – AD

<sup>7</sup> CASTRO, A. MA. Diário de campo. Anotações com base na observação participante durante o ano de 2009. As tecelãs são identificadas na pesquisa por números.

aqui no ateliê, eu acredito Nele, eu preciso acreditar né? Porque preciso trabalhar.” (TECELÃ 2, 5.07.09).

### 3 O olhar epistemológico feminista como abordagem de pesquisa

Pesquisamos mulheres numa perspectiva feminista, utilizando como metodologia observação participante, entrevistas individuais e narrativas de histórias coletadas por meio dos grupos de discussão com base nos estudos de Weller e Bohnsack (2006).

Entendemos que a pesquisa não é neutra (FREIRE, 1999; BRANDÃO; STRECK, 2006). Sabemos, também, que o referencial epistemológico é situado, contingente e localizado (NEUENFELDT, 2008). Por esse motivo, entendemos ser importante e necessário indicar o campo teórico de onde falamos. Utilizamos o conceito de *gênero*, entendido como o estudo das relações cultural e socialmente produzidas entre homens e mulheres, e destes entre si. Trata-se de um conceito que foi sendo construído nos estudos relacionados a diversos campos do feminismo e, por isso, também de ordem ideológica, política e de lutas (SAFFIOTI, 2004). Portanto, homens e mulheres são ensinados a serem o que são na cultura em que estão inseridos. Seguindo esta ideia, somos ensinados/as desde a infância como devemos ser meninas e meninos e nos portarmos como homens ou mulheres, para sermos socialmente aceitos.

As mulheres foram excluídas da maior parte dos direitos sociais e tendo como *lugar principal* a esfera privada e não a pública. Lembrando que estamos nos referindo aos séculos de exclusão e silenciamento das mulheres no espaço público, e pensando sobre a pesquisa, cabe aqui uma pergunta: quais serão as consequências disso na pesquisa com mulheres?

Segundo Perrot (2007), o pouco registro escrito deixado pelas mulheres ao longo da história, devido a sua exclusão das instituições formais de ensino, é um fator complicador na pesquisa sobre mulheres.

Para Gebara (2000), com pouca história escrita pelas mulheres, ao longo do tempo, o conhecimento passou a ser totalmente controlado pelos homens, sendo assim, ela afirma que “um conhecimento despreza a contribuição das mulheres não é apenas um conhecimento limitado e parcial, mas um conhecimento que mantém um caráter de exclusão” (2000, p. 117), Aqui, não nos referimos a todos os homens, mas de um padrão *normativo*. Por isso, quando discutimos o monopólio do conhecimento pelos homens, falamos de um modelo de homem

que, em sua maioria, é branco, heterossexual e com um certo nível de poder, portanto, podemos afirmar que esse monopólio também é excludente.

A epistemologia científica, exercida pelas instituições formais de ensino, busca em alguma medida processar e filtrar o conhecimento. A epistemologia da vida ordinária busca, a partir do cotidiano, da vida das pessoas comuns, entender e filtrar os conhecimentos produzidos à margem das instituições formais. No caso das mulheres, Eggert (2008) afirma que, por muito tempo, as mulheres foram por elas mesmas esquecidas e, por consequência, foram esquecidas pela academia.

Devido às questões levantadas, a pesquisa com mulheres requer algumas abordagens peculiares, para além da epistemologia reflexiva ou científica, aqui, pensamos e sabemos que não podemos abandonar de forma alguma essa epistemologia, entretanto precisamos de alternativas.

Para Gebara (2008), outra forma é a epistemologia da vida ordinária que, segundo ela, é a epistemologia de todos/as nós, de todos/as os/as mortais. Por volta dos anos 1970, influenciada pelo movimento feminista, a epistemologia feminista surge e vem produzindo conhecimento ao redor do mundo. Segundo Gebara, “o feminismo denuncia à produção de um conhecimento considerado científico, cuja consequência é a exclusão das mulheres e uma cultura marginalizante” (2000, p. 115). A epistemologia feminista tem denunciado e alertado sobre a supergeneralização, apontando que os valores, as experiências, os objetivos e as interpretações dos grupos dominantes são apenas os valores, experiências, objetivos e interpretações desses grupos, não da humanidade como um todo. Sobre isso, Gebara afirma que,

Sem dúvida, o conhecimento produzido por uma elite a serviço dos detentores do poder é mais valorizado do que qualquer outro produzido, por exemplo, por um grupo de catadores de lixo. Não só a questão das classes sociais aparece de forma marcante em todos os processos epistemológicos, mas também a questão da raça, do gênero, das idades, e da orientação sexual. Nossa maneira de expressar nosso conhecimento do mundo é reveladora de nosso lugar social e cultural. E este lugar condiciona nossa confiança e desconfiança, nossa valoração maior ou menos em relação ao que proposto como conhecimento. (GEBARA, 2008, p. 32).

Portanto, foi a partir das questões de classe social, gênero, raça, etnia, entre outras, que surgiu uma área da epistemologia dedicada a compreender a forma como o gênero influencia aquelas concepções e práticas e como elas têm sistematicamente colocado em desvantagem as mulheres e outros grupos subordinados. Por esse motivo, podemos afirmar que pesquisar

mulheres, numa perspectiva feminista, é desafiar uma lógica dominante de um mundo hierárquico e patriarcal (GEBARA, 2000; 2008).

O olhar epistemológico feminista, tanto ordinário como científico, permite reler a história e, sem sombra de dúvida, os resultados das inúmeras perspectivas abertas têm sido dos mais criativos e instigantes. Essa perspectiva rompe com paradigmas estabelecidos, descobrindo e redescobrando a vida e a produção de conhecimento das mulheres ao longo da história. De maneira que mulheres como as de dessa pesquisa em que buscamos, em alguma medida, visibilizar suas produções que são percebidas em suas próprias histórias, porque estas não estão dadas, como afirma Freire, como “passagem pelo mundo não predeterminada, preestabelecida. Que meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir” (FREIRE, 1999, p. 58).

Essa busca, por algo que precisa ser construído, e que é de nossa responsabilidade, requer alguns instrumentos. Eggert afirma que “buscar instrumentais de outros campos do conhecimento, para alimentar caminhos talvez inusitados; questionar as hierarquias; rever as margens onde as mulheres geralmente se encontram, no ato de produzir conhecimento [...]” (2009, p. 32), é uma das possibilidades quando se faz pesquisa com esse olhar conceitual.

Essa busca é desafiadora, e é inegável a constatação das conquistas das mulheres no campo científico nos poucos anos de epistemologia feminista. Acreditamos que nossa pesquisa soma com os trabalhos de muitas outras feministas que buscam novos e/ou outros caminhos de luta, justiça, respeito, sororidade<sup>8</sup> e igualdade entre os sexos.

O feminismo tem produzido uma crítica contundente ao modo androcêntrico de produção do conhecimento; além dessa crítica, tem buscado e operado num alternativo de operação e articulação na esfera do conhecimento.

Sabemos que mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina dominante, uma experiência que, muitas vezes, está *às margens*. Entretanto, nessas margens, encontramos experiências<sup>9</sup> cruciais para a pesquisa com mulheres e, por esse motivo, como já foi citado anteriormente, valorizamos o conceito de experiência (EGGERT, 2009; DEWEY, 1976).

---

8 Sororidade, palavra resgatada pela Teologia Feminista, que significa “irmãs”. Veja Dicionário de teologia feminista. São Paulo: Vozes, 1999.

9 Experiência vem do grego *empeiria*, matriz de “empírico”; no sentido mais básico, experiência refere-se à apreensão que os sujeitos fazem da realidade. Verificar Edênio Valle. *Religião*. ano 2000, capítulo 2 Experiências religiosas. Segundo Fabris (1997, p. 13) “Aristóteles discutiu o tema em diversas obras, utilizando três termos para indicar diferentes facetas de sua compreensão acerca da experiência: *Aisthesis* indica sensação, sentimento e intuição; *empeiria* indica experiência no sentido de habilidade e prática; *peira* indica prova e experimento.”

As experiências compõem a pesquisa. O conceito de experiência tem, para nosso grupo de pesquisa, um investimento de estudo e debate, pois a trajetória de quem compõe o grupo aponta para duas realidades que sempre consideraram a experiência como desencadeadora da produção do conhecimento: a educação e o feminismo.

Estamos levando em consideração o exercício de (re) leituras, dos processos de ensino – aprendizagem num lugar de ensino não formal e suas implicações no cotidiano do trabalho de mulheres; vivências de cada pesquisadora são também importantes experiências que fazem parte da pesquisa. Sobre isso, Eggert afirma:

O reconhecimento da importância da subjetividade de quem pesquisa em todos os momentos da investigação passa a ter visibilidade. Na metodologia da teologia feminista, a experiência é critério para que aconteça a consciência da exclusão, a busca pela própria tradição e o reconhecimento de tradições alternativas. O mesmo ocorre com a pesquisa nas ciências sociais, pois revela um recorte semelhante (EGGERT, 2003, p. 24).

Nossa construção/produção de conhecimento, como mulheres, passa pela nossa história, que é marcada pela diversidade. Essas histórias que são experiências nos fazem poder realizar nossa leitura de mundo (FREIRE, 1999; 2003) e, conseqüentemente, criar um ambiente propício para que as mulheres de nossa pesquisa também o façam.

#### **4 Educação, gênero e religião e desdobramentos no trabalho de mulheres**

A questão de gênero é sempre influenciada por fatores sociais como raça, etnia, cultura, classe social e idade (FIORENZA, 2009). Segundo Gebara, é também influenciado pela religião.

Gênero quer dizer, entre outras coisas, falar a partir de um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico do nosso ser, e de outro lado, num caráter que vai além do biológico, porque é justamente um fato de cultura, de história, de sociedade, de ideologia e de religião. (GEBARA, 2000, p. 107).

Pensar na articulação entre educação, gênero e religião é, de certa forma “andar na contramão”. Sabemos que o campo religioso vem sendo escrito, pensado e dominado pelo

mundo masculino dominante<sup>10</sup> há séculos (GEBARA, 2000; NUNES, 2005), portanto pensar, pesquisar e escrever sobre a mulher na religião, como atuante, tem sido a luta consciente de muitas mulheres dentro da , e entendemos que esta luta também é teórica. Embora saibamos que “[...] nenhuma área das religiões instituídas deixou de passar pelo crivo crítico do olhar feminista” (NUNES, 2006, p. 1), entendemos, ser de extrema importância que as questões de gênero e religião sejam revisitadas por diferentes olhares, inclusive no campo da Educação. Em especial, pensamos ser esta pesquisa relevante por três motivos:

1. Sabemos que a instituição social Igreja, ainda vem sendo dominada por homens e mulheres que colaboram na manutenção da sociedade patriarcal, que oprime as mulheres e os homens que não compõem o modelo estruturador do patriarcado e, por isso, também são marginalizados. Essa manutenção tem sua eficácia por meio dos ensinamentos (GEBARA, 2000; NUNES, 2005).

2. Ricardo Mariano afirma que “Os crentes são minoria no país quanto aos estudos sobre religião; o que escrito sobre eles é bem pobre, se comparado ao catolicismo ou ao afro-brasileiro” (2005, p. 15).

3. Através dos/as fiéis, essas instituições ensinam e reafirmam ensinamentos, em especial aqui os ligados às questões de gênero. Portanto há uma produção de pedagogias no cotidiano das igrejas e nos vários espaços onde as pessoas se relacionam, espaços formais como os casamentos, cultos, enterros, escola dominical etc., e nos espaços não formais de ensino.

No Brasil, da década de 1960, um homem nordestino passa a inverter essa lógica. Paulo Freire vai denunciar e romper com a lógica educacional vigente e dominante. Para ele, educação é sempre um ato político, implicando, portanto, um desenvolvimento crítico que ocorre através da leitura do mundo por meio da conscientização; uma educação que acontece com a relação de homens e mulheres entre si mediados pelo mundo.

Para Freire (1999; 2003), não existe educação, mas educações, ou seja, formas diferentes de homens e mulheres partilharem seu saber, partilharem o que são. Com a lógica freireana, podemos passar a pensar em educação embaixo de uma árvore, dentro de uma fábrica, dentro de casa, numa igreja, e, porque não, dentro de um ateliê.

---

10 Por “masculino dominante” entendemos que nem todos os homens fazem parte do que representa o masculino que se refere como dominante, ou seja, heterossexual, provedor, decidido, o que não tem fraquezas, aquele que não pode chorar nem ser sensível.

Sem dúvida, Freire abre a discussão e possibilidade sobre a educação – não formal, contudo o estudo sobre práticas educativas em espaços não formais ainda é recente e tem-se destacado pela variedade de formas de atuação.

Segundo Gonh (2001), a educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. Na educação não formal, espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, onde há processos interativos intencionais. Para Afonso (apud SIMSON; PARK; FERNANDES), "a educação formal é organizada em determinada sequência e acontece na escola; a informal são todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, de forma permanente e não organizada". (2001, p. 113). Não é possível falar em educação não formal sem retomarmos a questão da experiência, ela está intimamente ligada a essa educação, segundo Torres (1992, p. 219).

No início do século passado, o cenário religioso no Brasil não tinha muitas opções para a população pobre, negra e marginal. De um lado estava a Igreja Católica e de outro, as Igrejas Protestantes Históricas. As religiões africanas e o espiritismo eram "caso de polícia" e ainda não estavam "legalizados" como religião oficial. Portanto, não tínhamos um movimento religioso que apresentasse por objetivo pessoas pobres e sem voz. Ou seja, pessoas que estavam "às margens" da sociedade. Em 1911, desembarcaram no porto de Belém do Pará dois missionários suecos (Daniel Berg e Gunnar Vingren). Sua missão era implantar no Brasil o Movimento Pentecostal.

O movimento Pentecostal nasceu com o intuito de atender a essas pessoas e, passados quase cem anos, esse foco continua sendo seu alvo principal. Segundo Alencar (2000, p. 10), esse pentecostalismo, atualmente nominado de "clássico", foi trazido por imigrantes pobres, sendo, portanto, absolutamente marginal, por tratar-se de uma religião de pobres e pretos. Aqui cresce entre imigrantes nordestinos e alcança todo o País, sempre de forma periférica.

Os suecos chegaram ao Brasil num momento propício para iniciar um movimento religioso que englobasse a população pobre. Eles iniciaram o movimento pentecostal em Belém do Pará, com vinte pessoas, e em vinte anos alcançam todo o País, chegando ao estado do Rio Grande do Sul em 1924. Em 1928, esse movimento é registrado oficialmente com o nome de Igreja AD, e em 1980 são configurados pelo Censo como categoria religiosa.

Passado quase um século de sua fundação, a AD é hoje a segunda instituição religiosa em número de fiéis e templos em solo brasileiro, sendo superada, apenas, pela Igreja Católica.

Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas - FGV, a igreja AD possui hoje cerca de 9 milhões de fiéis, além de ser a igreja que mais ganha fiéis por ano. Além desses dados, das igrejas pentecostais existentes no Brasil, a AD é o grupo religioso que apresenta a maior taxa de mulheres em suas fileiras (MACHADO, 2005).

A Bíblia é contundente sobre a conduta submissa que as mulheres devem ter. Os padrões de ser mulher, socialmente construídos, são reafirmados pela igreja através dos ensinamentos sobre como *ser mulher* e como ser uma *boa mulher*. Mesmo sendo, até hoje, excluídas do processo de decisão dentro da igreja, as mulheres na igreja Assembleia de Deus não podem exercer atos pastorais, devem ter uma conduta que engloba um modo de vestir peculiar. Entretanto elas são maioria dentro dessa igreja e levam com afinco os ensinamentos religiosos adiante. Sobre isso, a Teclã 1 afirma:

Deus colocou as mulheres como ajudadoras, lá na igreja eu sou uma ajudadora nos circulo de oração de mulheres tem muita gente que diz que mulher não pode pregar o evangelho, mas hoje muitas mulheres são usadas por Deus, em muitos lugares, então nos ensinamos à palavra, muitos pastores não aceitam porque no novo testamento a mulher não pode falar, mas no antigo testamento ela podia, então agente ensina mesmo. (TECELÃ 1, 28.06.09)

Podemos, com base na história da Assembleia de Deus e em nossa empiria, afirmar que as mulheres são responsáveis pelos avanços dessa igreja no Brasil. Mesmo excluídas, elas cantam, ensinam a Bíblia e são as principais participantes dos círculos de oração e dos grupos de evangelização, fundamental para o avanço da Assembleia de Deus no Brasil.

Quais são as peculiaridades da religiosidade das mulheres? Lagarde (2005) vai-nos dar algumas contribuições importantes para pensarmos mulheres e religião, em especial quando ela desenvolve o argumento de um “pensamento mágico”. Aqui, a busca por um amparo e uma solução “vem das alturas”, como na forma de um milagre.

Por aprender que a força vem de fora, dos outros, elas facilmente buscam fora de si mesmas as respostas necessárias para suas inseguranças e necessidades. A autora lista uma série de itens, os quais são muito mais comprados, lidos e frequentados pelas mulheres do que pelos homens como, por exemplo: as cartas de tarô, a leitura dos horóscopos, a leitura das mãos e a frequência a círculos de orações e igrejas.

O “pensamento mágico” faz com que as mulheres acreditem no “milagre”, na força superior, na salvação das “alturas”. Para Lagarde, o que faz as mulheres buscarem amparo e fê resultado de um “pensamento mágico” não é a incapacidade e falta de inteligência em buscar

outras formas de pensamento, e sim porque o pensamento mágico sociocultural as impede de buscá-lo e fazê-lo. Segundo Lagarde (2005, p. 300):

El pensamiento mágico y la deducción experimental coexisten en la mentalidad femenina con el principio político que rige su apreciación y afectiva del mundo: se trata del principio religioso, el cual hace que las mujeres consideren la vida, su vida y todo lo que ocurre a su alrededor, causado por fuerzas omnipotentes, exteriores y las más de las veces, ajenas a ellas. El principio religioso supone también la consideración de los otros, sobre todo que quienes dependen de manera vital, como seres sobrenaturales, como deidades.

Parece-nos que a experiência da religiosidade para as mulheres está ligada ao pensamento mágico, fazendo com que elas se “esvaziem”, lançando o “poder” ao outro, de preferência a um ser masculino. É um compasso de espera, omissão e alento vindo das alturas. Um homem cuida, resolve e soluciona os problemas e angústias. Sobre isso, a Tecelã 1 desenvolve a seguinte fala durante uma entrevista:

Eu estou muito alegre porque meu trabalho esta dando fruto, agora todas querem orar, pedir para Ele nos ajudar, Ele esta nos enviando trabalho, agente faz a oração, pede com fé e Ele tem nos ajudado sabe? Resolvido o problema de falta de trabalho e a fé de todas esta sendo acrescentada, eu estou fazendo o que Ele manda, eu estou semeando....Agente não é melhor do que ninguém que não é da Igreja, o que agente precisa é ensinar a palavra para que todos venha como Jesus disse na palavra (TECELÃ 1, 19.08.09).

Simone de Beauvoir, em um capítulo sobre “A mística”, no livro *Segundo sexo*, inicia com a afirmação de que para a mulher, o amor é sua suprema vocação. Tanto amar como ser amada é o desejo socialmente ditado para as mulheres. Por esse motivo, a mulher busca a experiência da religiosidade com fervor e intensidade, pois assim ela ama e é amada. Com o amor mútuo do ser sobrenatural, a mulher sente-se extremamente valorizada, e a partir disso sente-se encarregada de uma missão, o que faz com que muitas mulheres preguem, ensinem e esperem. Segundo Beauvoir (2009, p. 867), “a mulher está acostumada a viver de joelhos; espera normalmente que a salvação desça do céu onde reinam os homens [...]”

Ao que parece, a necessidade organiza o desejo ou, na linguagem religiosa utilizada pelas mulheres do ateliê de tecelagem, “Deus vem ao encontro de quem pede e acredita” como um milagre. “Foi Deus quem quis assim” é uma fala muito ouvida no ateliê, principalmente nos momentos de incertezas. Sobre isso, a Tecelã 4 afirma, durante uma observação participante, que “todas aqui estamos bem, esse é o melhor momento do ateliê,

Ele tem resolvido e a gente tem esperado, quando a Tecelã 1 não faz a oração a gente pede porque ficamos preocupadas em não fazer. (Tecelã 4, 19.01.10).

Hoje, o que observamos no ateliê está atrelado ao pensamento mágico descrito por Lagarde. A busca pela necessidade de esperança, conforme já citado no início deste trabalho, tem organizado o desejo das tecelãs, que buscam na religião amparo consolo e ajuda, (NUNES, 2005), reforçando, assim, os ensinamentos da Tecelã 1. Entendemos que esse reforço se dá também pelo desejo, pois, segundo Eggert (2002),

Aprendizagem não acontece somente pela cognição e sim pelo desejo.... Ou seja, não há uma transmissão pura e simples do conhecimento, pois para haver aprendizagem o vínculo entre quem aprende e quem ensina deve estar estabelecido, além da importância do desejo de aprender. (2002, p. 553).

Com base na afirmação de Eggert, suspeitamos que o vínculo “familiar” estabelecido dentro do ateliê com a necessidade de trabalho e a busca pela esperança pode ser fator imprescindível para o “sucesso” da inserção dos ensinamentos religiosos dentro do ateliê.

## **5 Considerações parciais**

Entendemos que questões de educação, gênero e religião precisam ser revisitadas por diferentes olhares, inclusive no campo da Educação. Suspeitamos que uma igreja com tamanha expressão em números de fiéis está culturalmente inserida na sociedade e, através deles, ensinam e reafirmam ensinamentos, em especial os ligados às questões de gênero. Portanto podemos suspeitar que produzem pedagogias no cotidiano das igrejas e nos vários espaços onde se relacionam, sobretudo nos espaços não formais de ensino.

Eggert faz uma ponderação importante: “[...] a religião talvez possa vir a ser um elemento de força e resistência a partir do desejo de liberdade, embora saibamos que, rapidamente, encontraremos elementos segregadores que estimulam a subserviência (2008, p. 85).

A teologia e a educação das mulheres para a submissão aparecem como um discurso globalizante, universal (GEBARA, 2000). Segundo Ruether (1995), a religião é sexista e promove um argumento que possibilita às mulheres empalidecerem seus caminhos em detrimento a um Deus que é representado sempre no masculino. Também Fiorenza (1992) indica instâncias que despotencializam os saberes das mulheres em detrimento aos

ensinamentos teológicos androcêntricos. Todas essas autoras, porém, demonstram que há janelas, há subversões, há mulheres que não se conformaram, que levantaram a suspeita de que poderia ser diferente.

Haja vista o número de mulheres seguidoras da Igreja aqui pesquisada, algumas se atrevem a *desobedecer à ordem e paz* patriarcal que paira sobre a igreja. São lideranças silenciadas, como o caso de Frida Vingren<sup>11</sup>, invisibilizada pela igreja AD, apontada como uma das lideranças no início do movimento pentecostal no Brasil. Contrariando a Igreja, que ainda hoje permanece sob a égide patriarcal, ensinando a submissão da mulher e seu consequente silenciamento.

A religião e os agentes do sagrado podem então possuir algo de paradoxal? Gênero e Religião: resistência ou passividade? Nossa pesquisa, ainda em andamento, não tem resposta, entretanto entendemos que ela pode dar-nos novos apontamentos.

Concordamos com Brandão sobre a possibilidade de dizer a palavra no ato da pesquisa. “A pesquisa deveria fazer-se capaz também de ‘dar voz’ e deixar que de fato ‘façam’ com suas vozes as mulheres e os homens que, em repetidas investigações anteriores, acabam reduzidos à norma dos números e ao anonimato do silêncio das tabelas” (BRANDÃO, 2006, p. 27).

Por isso, entendemos ser necessário que a pesquisa seja viva, que participe do cotidiano do trabalho de tecelagem para que ela, em alguma medida, dê voz às mulheres. Por esse motivo, nós temos aulas de tecelagem durante a observação participante, partilhamos com essas mulheres as dores nos braços e nas costas, resultantes do uso do tear nos dá, e estamos junto nos momentos de oração. Segundo Brandão, essa é uma finalidade importante na pesquisa: “Toda ciência social, de um modo ou de outro deveria servir à política emancipatória e deveria participar da criação de éticas fundadoras de princípios de justiça social e de fraternidade humana”. (BRANDÃO, 2006, p. 25).

---

11 Frida Vingren foi a primeira mulher a ter função pública dentro do movimento pentecostal no Brasil; ela chega ao Brasil em 1917. Na primeira convenção da AD, que aconteceu em Natal, de 05 a 10 de setembro de 1930, para estabelecer as diretrizes para a AD, a única mulher entre os líderes da igreja era. Veja ALENCAR, Gedeson Freiras de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembléia de Deus: Origem, implantação e militância (1911 – 1946)*. Dissertação de Mestrado. Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. 2000 e CASTELHANO, E. *Ministério Feminino na Assembléia de Deus: uma análise introdutória de suas possibilidades, limitações e perspectivas*. Ed. Notas e Letras. Juiz de Fora, 2005.

## Referências

ALENCAR, Gedeson Freiras de. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembléia de Deus: Origem, implantação e militância (1911 – 1946)**. Dissertação de Mestrado. Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, 2000.

BOHNSACK, R.; WELLER, W. O método documentário e sua utilização na análise de grupos de discussão. In: **Educação em Foco**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. Número Especial, 2006.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos, a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo. **Pesquisa participante**. O saber da partilha. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo: C. E. Nacional, 1976.

EGGERT, Edla. A mulher e a educação: possibilidades de uma releitura criativa a partir da hermenêutica feminista. In: **Estudos Leopoldenses**, série Educação.v. 3, n. 05.UNISINOS, 1999

\_\_\_\_\_. **Educação popular e teologia das margens**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

\_\_\_\_\_. domÉSTICO Espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, Marga J (Org.). **À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

\_\_\_\_\_. Trabalho manual e debate temático: tramando conhecimentos na simultaneidade. In: NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). **Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

\_\_\_\_\_. **Narrar processos: tramas da violência domestica e possibilidades para a educação**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. **As origens cristãs da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

FREIRE, Paulo. **A mensagem de Paulo Freire: textos de Paulo Freire selecionados pelo INODEP**. São Paulo: Nova Crítica, 1977.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança.** Um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo. Paz e Terra, 2003.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio:** Uma fenomenologia feminista do mal. São Paulo: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **O que é teologia feminista.** São Paulo: Brasiliense. 2007.

\_\_\_\_\_. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). **Epistemologia, violência, sexualidade:** olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

GOSSMANN, Elisabeth. **Dicionário de teologia feminista.** Petrópolis: Vozes. 1997

GONH, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política:** impactos sobre o associativo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2001.

HUBBARD, Ruth. **Algumas ideias sobre a masculinidade das ciências naturais.** In GERGEN, Mary McCanney. **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento.** Brasília. 1999.

LANZELOTTI, Gilberto. **História da tecelagem artesanal no Brasil.** Disponível em: <<http://guiadecorar.com.br/posts/visualiza/1493>>. Acesso em: 10 out. 2009

LAGARDE, Marcela. **Cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4.ed., Ciudad del México: UNAM, 2005.

PASSOS, Luiz Augusto. Leitura do mundo. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Florianópolis: Edusc, 2005.

\_\_\_\_\_. **Minha história sobre as mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

RUTHER, R. **Sexismo e religião:** rumo a uma teologia feminista. São Leopoldo : Sinodal, 1993.

SENAC. **Fios e fibras -oficina de artesanato.** Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2002.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Revista de Estudos Feministas.** Florianópolis: v. 13, mai./ago. 2005. p. 01-07.  
MARIANO, Ricardo. **Neo pentecostais:** Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2. ed, São Paulo: Loyola. 2005.

NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). **Epistemologia, violência, sexualidade:** olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

NUNES, Maria Jose Rosado. Teologia feminista e a critica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis: v. 14, jan./apr. 2006. p. 01-05.

\_\_\_\_\_. **Gênero e religião**. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26888.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2008.

PREFEITURA DE ALVORADA. **História**. Disponível em: <<http://www.alvorada.rs.gov.br>>. Acesso em: 25 out. 2009.

SAFFIOTI, H. I. B. Gênero e patriarcado. In.: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

TORRES, Carlos Alberto. **A política da educação não formal na America Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1992.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. In.: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago, 2006.